

A PRODUÇÃO DE SENTIDO EM MEIO À CRISE DA MODERNIDADE: UM ESTUDO DA PONTE PARA A LIBERDADE

LECIR JACINTO BARBACOVI *

Resumo: Trata-se de um estudo no qual é desenvolvida a idéia de que as religiões, para se manterem, precisam, constantemente, corresponder às necessidades vitais ou “situações-limites” contidas na sociedade, construídas e internalizadas pelos indivíduos. Nesse sentido, a Nova Era, como movimento religioso multifacetado, compondo-se como uma rede de vasos intercomunicantes, procura, “à sua maneira”, oferecer respostas às necessidades presentes no contexto moderno em crise. Elegeu-se a Ponte para a Liberdade como um caso específico de estudo, pois esse movimento religioso apresenta-se como um nó (micro) dentro da rede (macro) que forma a Nova Era.

O texto finaliza buscando articular dois aspectos do processo de produção de sentido: a experiência individual em torno dele e a produção de novas experiências religiosas como sistemas totalizantes de significados. Essas dimensões subsidiam uma síntese possível: as pessoas que fazem a experiência individual em torno do sentido estão sempre em busca de um “pouso” ou “oásis” onde possam intercomunicar-se e receber experiências significativas para suas vidas.

Palavras-chave: modernidade, produção de sentido, Nova Era, experiência individual.

THE PRODUCTION OF SENSE IN THE MIDST OF CONTEMPORARY CRISIS: A STUDY OF THE BRIDGE TO LIBERTY

Abstract: This is a study which the idea is developed that in order that religions may maintain themselves, they continuously need to correspond to vital needs or “extreme situations” contained within society and which have been constructed and internalized by individuals. In this sense, the New Age, as a multifaceted religious movement, consisting as if it were a network of intercommunicant vessels, seeks, “in its own way”, to

* Mestre em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora, MG. Professor do Departamento de Teologia e Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco.

offer answers to present needs in the moderns context of crisis. The Bridge to Liberty was chosen as a specific case for study because this religious movement reveals itself like a(micro) knot within the net which forms the New Age.

The text concludes by seeking to articulate two aspects of the process of producing sense: individual experience caught up in itself and the production of new religious experiences as totalizing systems of meanings. These dimensions underpin a possible synthesis: people who undergo individual experience based on sense are always on the look-out for a “landing” or an “oasis” where they may inter-commune with each other and receive meaningful experiences for their lives.

Key-words: modernity, production of sense, New Age, individual experience.

O estudo que ora apresento aborda o fenômeno Nova Era¹, em meio à crise da modernidade. Por ser uma de suas expressões, escolhi o movimento A PONTE PARA A LIBERDADE² através do núcleo a PONTE, sediado em Juiz de Fora, MG, como foco central de minha observação, entendendo-o como uma microssituação do cenário Nova Era e, ao mesmo tempo, portador de representações singulares desse cenário.

Apresento, brevemente, neste estudo, algumas observações sobre a discussão micro-macro trazidas à tona a partir de um trabalho de Knorr-Cetina e outro de Giddens.

Knorr-Cetina (1981) desenvolve uma série de argumentações buscando a superação da dicotomia micro-macro, mostrando que os elementos contidos nas duas dimensões só existem se relacionados entre si. Ela insiste, portanto, no problema da inter-relação entre os elementos do fenômeno estudado que, por sua vez, podem ser compreendidos tanto no nível macro quanto no micro, mas a sua existência concreta se dá no segundo, enquanto que, no primeiro, trata-se de uma existência virtual. Isso não significa, entretanto, que o ponto de partida metodológico - ênfase no micro ou no macro - não precisa ser definido. De outra forma, mas também enfatizando a importância de microssituações, Giddens

(1989) aponta para a superação entre agência e estrutura. Ele define claramente o ator social - micro - que cria e produz sua prática. Ele, o ator social, é um “teórico social prático”, é um “ator hábil”, conhecedor, capaz de refletir - mesmo sem ter plenamente o conhecimento teórico-metodológico que ele usa - mas que também sofre constrangimento, já que pertence a uma estrutura maior - macro.

Noutras palavras, ele reconhece a prática do autor e os limites de seu conhecimento. O indivíduo é ativo, possui certo grau de conhecimento - não é um indivíduo, como concebido por Durkheim, curvado às estruturas - mas tem uma margem de ação que se situa entre coerção e voluntarismo. A reflexividade do indivíduo indica que ele sabe, ele monitora sua ação, mesmo que ele não reconheça os motivos profundos que a orientam.

A relação micro-macro evidencia-se, aqui, como chave de compreensão deste objeto de estudo - a Ponte Para a Liberdade -, que se situa numa perspectiva de produção de sentido para a contemporaneidade. O que se pretende, pois, é focalizar a Ponte Para a Liberdade, observando o significado e a dimensão de suas crenças e práticas religiosas - numa perspectiva da Nova Era – como alternativas aos impasses do mundo moderno.

É oportuno também ressaltar que não se busca aqui um conceito original de Nova Era, mas a sua compreensão a partir de conceitos que são apresentados a seguir, isto é, podemos dizer que a Nova Era é um movimento que é marcado por algumas características:

a) sua base filosófica é o Holismo³.

Fritjof Capra, escrevendo em seu livro “*O Ponto de Mutação*” sobre a necessidade premente de mudança da “visão de mundo”, aponta para o surgimento do holismo como novo paradigma. Diz ele:

Precisamos, pois, de um novo “paradigma” - uma nova visão da realidade, uma mudança fundamental em nossos pensamentos, percepções e valores. Os primórdios dessa mudança, da transferência da concepção mecanicista para a holística da realidade, já são visíveis em todos os campos e suscetíveis de dominar a década atual.”(Capra, 1995: 14)

Esta visão de mundo que sustenta a Nova Era “faz uma releitura de todos os elementos constitutivos da sociedade, recolocando-os na perspectiva do novo paradigma fundador”. (Bergeron, 1994: 51) Essa transformação de paradigmas se apresenta como necessária para reverter o processo de crise mundial na qual os valores e idéias associados à Revolução Científica, ao Iluminismo e à Revolução Industrial estão conduzindo à extinção a humanidade e toda a vida do planeta. Essa transformação de paradigma inclui

“uma visão sistêmica da vida, mente, consciência e evolução; a correspondente abordagem holística da saúde e da cura; a integração dos enfoques ocidental e oriental da psicologia e da psicoterapia; uma nova estrutura conceitual para a economia e a tecnologia; e uma perspectiva ecológica e feminista, que é espiritual em sua natureza essencial e acarretará profundas mudanças em nossas estruturas sociais e políticas”. (Capra, 1995: 14).

Poderíamos dizer, então, que a base filosófica da Nova Era está assentada na categoria do holismo, que pode ser resumido na idéia da unidade, de que “tudo é um”. Na verdade, todas as manifestações da realidade estão subsumidas no uno, tudo é um no uno indivisível. Assim,

“o universo, dentro deste novo paradigma, deixaria de ser visto como uma máquina, para ser concebido como um todo harmonioso e indivisível: uma rede de

relações dinâmicas que incluem o observador humano e sua consciência de um modo essencial” (Amaral, 1994: 22.)

- b) Essa base filosófica impulsiona, como conseqüência, uma abertura para o transcendente. O *místico* seria uma segunda dimensão e/ou categoria de análise da Nova Era. Essa dimensão manifesta-se através da “concepção de uma realidade perpassada pela divindade”. Toda a realidade material está impregnada por um espírito que percorre todas as coisas. Que está no interior de tudo o que existe, e que é, de certa forma, o fundamento de tudo. É a idéia de que o mundo todo é encantado, coberto pelo uno e por isso mesmo divinizado.

Esses valores que mobilizam os grupos e as pessoas ligados à Nova Era, têm em comum a perspectiva do

advento de uma era de paz, de iluminação e de conhecimento, ou seja, o aparecimento de uma nova humanidade nas perspectivas planetárias, dotada de uma consciência mais incluyente, capaz de apreender a unidade e a organicidade do universo, e de se identificar com toda a humanidade. Este novo Homem, Homo noeticus, terá consciência de sua identidade com o divino e da unidade da vida, porque ele terá transcendido seu ego narcisista. O advento desta nova humanidade acontecerá pela profunda transformação da consciência. A evolução está para executar um salto qualitativo donde vai emergir uma nova forma de espécie humana. (Bergeron, 1994: 63)

- c) a idéia de “serviço” e “trabalho”

A transformação do mundo, para a Nova Era, só acontecerá à medida que houver uma transformação da consci-

ência individual. Para se atingir essa ampliação ou expansão da consciência, há uma infinidade de recursos ou “serviços” que podem ser buscados pelo adepto da Nova Era. São eles:

“... as psicotecnologias espirituais e corporais; medicina e educação alternativa; psicologia transpessoal com uso de yoga, zen budismo, alquimia, cabala e técnicas de respiração; terapias de vidas passadas; preparação de pessoas ou grupos para manejar poderes humanos sutis e poderes ocultos; as mais diferentes combinações de elementos rituais, mágicos, oraculares, míticos e filosóficos de antigas tradições sagradas, orientais, primitivas e populares; meditação, concentração, mantras e cantos devocionais; contatos com Mestres da Luz (os Mestres Ascensionados da Fraternidade Branca Universal⁴); dança cigana, dança do ventre, dança indiana; concertos de música “Nova Era”, feiras, lojas, jornais, Work-shops, cursos, vivências, turismo, e seminários; atendimento através do tarô, astrologia, numerologia, runais, alimentação natural, cromoterapia, quirologia, radiestesia; trabalho com cristais, ondas, sons, energia; happenings e festivais ...” (Amaral, 1994: 30)

d) a idéia de “Energia”.

Esses *serviços* comuns no universo compreendido pela Nova Era são reconhecidos pela Ponte Para a Liberdade como um *trabalho* - uma outra categoria de análise - a ser desempenhado pelos seus membros. De forma geral, todas as atividades da Ponte Para a Liberdade recebem, por parte de seus membros, essa conotação. O cerimonial, por exemplo, é concebido como sendo um trabalho, ou um “serviço” de “purificação e transmutação” de tudo o que é negativo.

Segundo Luiz Eduardo Soares (1994), para o “mundo alternativo” - no qual incluo a Ponte Para a Liberdade - a idéia de trabalho se constitui como uma categoria provavelmente tão importante quanto a de “*energia*”. Essa última está bem presente na Ponte Para a Liberdade, particularmente na “teoria dos Sete Raios”, na idéia dos templos localizados no campo sutil ou no plano etérico, na presença “benfeitora” dos Mestres, que são os catalisadores e distribuidores por excelência das energias em prol dos homens e do universo.

Essa energia, no entanto, está presente, também, em cada ser humano e, à medida que for bem canalizada, poderá servir para curar. Segundo Soares (1994), “sua distribuição adequada designa saúde, integração comunitária, comunhão ecológica, elevação espiritual, virtude religiosa” (p: 197). Essa mesma energia “é a moeda cultural do mundo alternativo, que prepara o terreno simbólico para o desenvolvimento de uma linguagem comum, independente das diversidades” (197). Assim, a idéia de energia consolida uma “vasta rede de vasos comunicantes entre os diversos submundos alternativos e os espaços axiológicos e simbólicos mais convencionais”. (p. 197).

A crença na energia e seus atributos é basilar para a Ponte Para a Liberdade, pois ela tem o papel de interligar, de forma indissociável, o corpo, o espírito, a natureza e o cosmos. Para a Ponte Para a Liberdade, ela é tão real a ponto de ser tratada como algo concreto, podendo ser vista e manipulada. Ela assume diferentes formas e densidades, de acordo com a dimensão, o ambiente, a criatura (Mestres, ou outros Seres Divinos), ou “vibração” mental ou espiritual - ela pode ser plasmada e emanada pela força do pensamento através do cerimonial, ou mesmo através das diversas atividades chamadas externas que são desenvolvidas na Ponte Para Liberdade ou através dela.

Em torno destas quatro categorias - holismo, místico, trabalho e energia - a Ponte Para Liberdade consegue apro-

ximar indivíduos e formar grupos, que, apesar das diferenças individuais, compartilham essa cosmovisão, “em que se destacam os cuidados com a “espiritualidade”, com a “natureza”, com a “harmonia” entre os homens e com a recuperação de um equilíbrio corpóreo, e cósmico perdido”. (Soares, 1994: 199).

e) Sincretismo

A idéia de mistura é uma das características da Nova Era. Ela é sincrética, o que nos remete para a pluralidade típica deste momento no qual ela está circunscrita. Na configuração de seu ideário místico, a Nova Era lança mão, em grande parte, de elementos recolhidos das grandes religiões orientais, do exoterismo, da astrologia e do cristianismo. Há, também, uma influência marcante do Espiritismo (Kardecista). Na configuração da Hierarquia Divina da Ponte Para a Liberdade, essa mistura está bem presente.

Sobre a questão do sincretismo, Leila Amaral diz que

“a Nova Era vem gerando uma espécie de espiritualidade caleidoscópica. Os diversos elementos extraídos das diversas tradições culturais religiosas ou não-religiosas passam a ser combinados, através de correspondências análogas ad nauseam, manipulados e reapropriados, segundo circunstâncias individuais ou de grupos específicos, sem que se pretenda nenhuma sistematicidade ou síntese definitiva. Os elementos, em confronto, são chamados para compor arranjos híbridos, marcados por alta dose de arbitrariedade.” (Amaral, 1994: 34).

A Nova Era acaba fazendo um aproveitamento um tanto “livre” de tudo o que compreende como sendo “bom” em todas as religiões, sobretudo nas orientais. Sua responsabilidade é propor e buscar a unicidade. Seu único compromi-

so é com o Uno. As religiões são apenas manifestações históricas e imperfeitas desse uno. Isso justifica o fato de utilizar-se de um pouco de cada religião para sua própria constituição, sugerindo a idéia de um “jogo combinatório” entre as várias tradições religiosas, sem uma preocupação maior em construir uma unidade doutrinária “completa, fechada e coerente”.

As características gerais do movimento Nova Era puderam ser aqui visualizadas. No entanto, para que se possa melhor compreender seu universo de concepções e práticas e o significado de sua consolidação na complexidade conjuntural em que se mantém, buscarei, a partir de uma descrição rápida do que é a Ponte - que traz características do movimento Nova Era -, colocar em foco essa experiência mítico-cultural que tem envolvido um número crescente de pessoas em todo o mundo.

A Ponte enquanto uma das expressões da Nova Era, portadora das características anteriormente mencionadas, aqui se apresenta como um caso significativo e ilustrativo - entre outros - de um processo de mudança de mentalidade religiosa, que, ao ser analisado pormenorizadamente, contribuiu para uma compreensão mais clara do que se passa no âmbito da Nova Era e - por indução - da própria crise da modernidade.

A opção por estudar um movimento da Nova Era “in loco” - O Cerimonial, as crenças e práticas dos participantes da P.P.L - associada a teorias que lhe são pertinentes, deve-se pela necessidade da concretude dos dados. Nas palavras de Durkheim:

“E uma indução dessa natureza, tendo por base uma experiência bem definida, é menos temerária do que tantas generalizações sumárias que, ao tentarem atingir de um salto a essência da religião sem se apoiar na análise de uma religião em particular, muito se arriscam a se perder no vazio” (Durkheim, 1996: 458).

Em outras palavras, a opção por trabalhar com uma expressão localizada de um movimento macro se dá sob a inspiração do dizer consagrado de Kant: “teoria sem pesquisa empírica é vazia e pesquisa empírica sem teoria é cega.” (apud Bourdieu, 1988/89: 774-775, livre tradução)

Quero ressaltar que, neste estudo, não pretendi fazer uma análise e/ou estudo exaustivo do pensamento dos diferentes autores nele citados, mas busquei a colaboração pontual de alguns desses pensadores no sentido de elucidar questões específicas dentro deste enfoque numa síntese de interpretações possíveis relacionadas ao fenômeno aqui focalizado.

Quero destacar, também, o caráter provisório deste estudo, que, por isso mesmo, torna estimulante sua continuidade, seja na perspectiva deste ou daquele autor ou de seu confronto.

A análise apresentada neste estudo não é alheia à postura por mim assumida enquanto observador participante. O envolvimento nas diferentes cerimônias e atividades trouxeram-me um conhecimento significativo deste movimento religioso, quer no seu sentido prático, quer no âmbito teórico - participei também de “cursos” oferecidos aos “iniciados”. Esse conhecimento, associado a análises feitas dos documentos internos a mim facultados, somados ainda às entrevistas realizadas, permitiram-me algumas considerações que apresentarei a seguir.

BREVE DESCRIÇÃO DA PONTE PARA A LIBERDADE

O meu contato inicial com a P.P.L. se deu, a princípio, através de duas pessoas que coordenam as atividades do núcleo da Ponte em Juiz de Fora. Elas ajudaram-me aos poucos a me inserir, facilitando assim apreender a organização estrutural (Quadro 1) na qual a Ponte se organiza.

Quadro 1: Organização estrutural da P.P.L.

CARGO	CARACTERÍSTICA	LOCALIDADE
1 Canal	Receptor e Distribuidor das mensagens dos Mestres	Localidade: Berlim
1 Coordenador Geral por país escolhido pelo Canal	Coordenador e Divulgador das Mensagens no país	No Brasil: Brasília
1 Coordenador para cada Núcleo	Coordenar as atividades da sede	Ex.: Juiz de Fora: no caso deste estudo
Filiados Discípulos (alunos) membros	- participantes regulares que contribuem com um valor financeiro segundo seus próprios critérios. - participantes regulares das atividades da Ponte.	

Fonte: ROESSMANN 1990: 31.

O Núcleo a Ponte foi fundado em Juiz de Fora, em 24 de março de 1991, por um grupo pequeno de pessoas que, há mais de 15 anos, vinha reunindo-se para “estudos profundos” sobre as leis da vida. O seu objetivo, destacado por seus membros, é “servir a comunidade”, oferecendo oportunidade a todos os interessados em aprofundar os conhecimentos “essenciais” de vida de todo ser humano na busca de “seu aperfeiçoamento e auto-realização”. Para tanto, pretende responder aos questionamentos, às inquietações internas e externas de cada homem, mulher, jovem ou criança. É uma escola que se denomina de “sabedoria e de amor”, tendo, como base principal de seu trabalho, os ensinamentos da “Grande Fraternidade Branca Universal”.

Ao mesmo tempo, ela procura lidar de forma holística com todos os aspectos importantes do ser humano (psicologia, filosofia, ciência, artes e terapias), trazendo como convidados conferencistas, pesquisadores, esotéricos membros de várias escolas, fraternidades, movimentos, núcleos, que, na concepção da Ponte, “são idôneos” em sua área específica.

O trabalho do núcleo da P.P.L consiste em dois tipos de atividades: as externas e as internas. As atividades ex-

ternas compõem-se de trabalhos abertos ao público: palestras, cursos, grupos de estudos, meditação diária, acesso à biblioteca e às apostilas mensais, etc. As atividades internas são compostas de práticas disciplinares diárias, Cerimoniais (Serviços) sempre sob a orientação do “Mestre da Sabedoria e Amor” (ascensionado⁵). As atividades internas são destinadas àqueles que “desejam uma iniciação mais profunda e querem prestar um serviço maior e desinteressado à humanidade”. Eles são reconhecidos pela Ponte como sendo “os que querem sair do comodismo” e “dar um pouco mais de si”. A plena liberdade de escolha é garantida a cada um e todos são convidados a participar tanto das atividades externas como das internas. As oportunidades são as mesmas para todos os adeptos, dependendo unicamente do próprio esforço e vontade da pessoa o grau aonde ela quer chegar.

Buscando precisar a origem da P.P.L., fui colocado diante do que poderíamos chamar de *mito de origem*, assim narrado pelos seus membros. Assim ele se apresenta: “Os Mestres da Fraternidade Branca se reuniram no início da década de 50 e promulgaram um **Decreto Cósmico** que teve como base funcional determinada modificação cósmica do nosso planeta e de todo o sistema solar a que pertencemos”. Esse “decreto” determina que a Terra deverá irradiar mais luz para poder manter-se no sistema solar, e isso tem que acontecer nas próximas duas ou três décadas. Para poder conseguir, neste pequeno espaço de tempo, o que um século não realizou, foi determinado que todos Mestres, todos os Seres Cósmicos e os discípulos da Grande Fraternidade Branca deveriam multiplicar, das mais diferentes formas, o seu trabalho. Isso não significa que todo ser humano passará por este processo de aceleração de vibração de consciência. “Segundo os Mestres, a qualidade é sempre mais importante que a quantidade”. Esses “poucos” são os discípulos, os que irão auxiliar enormemente no processo evolutivo da terra através da P.P.L. (instituída pelo

Decreto Cósmico), pois essa nasce com a “missão” de acelerar o processo de irradiação de luz da Terra.

A Ponte Para a Liberdade é uma escola de ensinamentos aplicados para o dia-a-dia, para a solução dos problemas cotidianos no mundo em que vivemos. Ela objetiva que cada ser encontre sua origem, responda às antiqüíssimas e célebres perguntas: de onde viemos? quem somos? e para onde vamos?. Através de ensinamentos práticos, simples e acessíveis a cada “sincero buscador”, a P.P.L. transmite a palavra dos grandes Seres de Luz que contém em si a essência de tudo o que o ser humano necessita, ou seja: a paz interior; a compreensão das leis da vida; o cumprimento do plano Divino que a cada ser é destinado; a diminuição ou eliminação do sofrimento humano; a purificação das energias negativas; o desenvolvimento do poder criativo e, finalmente, o encontro com o Divino. Cada ser vivente está destinado a cumprir o seu plano Divino. Todos são filhos do mesmo Pai Celestial e todos são chamados a cumprir a sua destinação e seguir a sua evolução, dentro dos desígnios Divinos.

A expressão “Ponte” significa “uma ponte de luz espiritual” formada pelos grandes Seres Divinos (Anjos, Arcanjos e Mestres Ascensionados) e os seres humanos através de seus pensamentos e sentimentos sublimados em suaves cânticos, orações, invocações, afirmações positivas, emissões de bons pensamentos e sentimentos de Amor Universal, resultando o Céu na Terra, conforme a oração “poderosa” do “Pai Nosso” ensinada pelo Mestre Jesus.

Para a Ponte Para a Liberdade, os Seres de Luz são verdadeiros geradores das qualidades divinas, “os verdadeiros mensageiros” do “único Deus” e irradiadores das puras virtudes divinas. À medida que o ser humano evolui através de seu esforço e disciplina consciente, ele atinge planos e vibrações cada vez mais elevados. Para isso ele conta com os Mestres, que, mais do que antes, nesta época de mudança cíclica, estão dando as diretrizes e as orientações

a um número maior de pessoas. Os Mestres dão, a todo ser, liberdade e oportunidades de cooperar nesse plano de acordo com as possibilidades de cada um, sem “jamais interferir no livre arbítrio de quem quer que seja. Eles não fazem nenhuma ameaça, e todos que queiram participar desta grande obra são bem-vindos .

Segundo a P.P.L., há um programa elaborado por esses Seres Divinos em que todos - homens, mulheres, crianças - podem participar como colaboradores do plano da Hierarquia Espiritual. Esse plano Divino para o reino celestial e para a Terra está dividido em Sete Seções, ou em Sete Raios. Cada Raio tem sua significação e seus diretores, que são os mestres ascensionados.

O 1º raio é o “azul. Ele representa a vontade de Deus, a fé, a proteção, a força e o poder. Seu diretor é o Mestre ascensionado El Morya (fundador da P.P.L.). As pessoas que pertencem a este raio ocupam, geralmente, cargos de chefia, possuindo energias ilimitadas e capacidade para executar qualquer coisa.

O 2º raio, o dourado, representa a sabedoria, o equilíbrio e a iluminação e está relacionado com o ensino e com os doutrinadores. A ele pertencem as pessoas de coração compreensivo e com discernimento. O Mestre ascensionado Kuthumi foi diretor desse raio até a sua ascensão como instrutor do mundo (juntamente com o Mestre ascensionado Jesus). Seu atual diretor é o Mestre ascensionado Confúcio.

O 3º raio é rosa e representa o amor Divino, a adoração, a beleza e a fraternidade. A Mestra Ascensionada Rowena é sua diretora. Fazem parte desse raio os que amam a beleza em todas as suas manifestações, que são amáveis e compassivos.

O 4º raio é branco. Representa pureza, ressurreição e ascensão e seu diretor é o Mestre ascensionado Serápis Bey. Procedem desse raio os artistas, músicos, arquitetos, e pessoas dotadas de grande perseverança.

O 5º raio, o verde, representa a verdade, o rigor da lei. Seu diretor é o Mestre ascensionado Hilarion (o apóstolo Paulo, em outra encarnação). Em geral cientistas, pesquisadores, médicos, enfermeiros, irmãs de caridade e curandeiros são oriundos desse raio.

O 6º raio é rubi-dourado. Representa a paz, colaboração e dedicação aos semelhantes. Foi seu diretor, até pouco tempo, quando ascendeu a instrutor do mundo (juntamente com o Mestre Kuthumi), o Mestre ascensionado Jesus. Atualmente a Mestre Nada é a diretora desse raio, que tem como característica o amor. Pertencem a esse raio os sacerdotes e as pessoas dotadas de muita religiosidade que se dedicam a servir a humanidade sem obter, muitas vezes, o reconhecimento pelos serviços prestados.

O 7º raio, violeta, representa misericórdia, transformação e liberdade. Quem rege esse raio é o Mestre ascensionado Saint Germain (fundador da P.P.L.) e o fará durante os próximos dois mil anos. A Chama Violeta é o instrumento que transforma todos os erros e imperfeições em perfeição. Quando a humanidade a utilizar com perseverança e ritmicidade, a Terra será salva. As pessoas que pertencem a esse raio possuem muitas aptidões e grande amor pela liberdade.

Quadro 2 - Os Seres de Luz nos Sete Raios

RAIO	COR	MESTRE	ARCANJO	ELOHIM
1º	Azul	El Morya	Miguel	Hércules e Amazonas
2º	Dourado	Confúcio	Jofiel	Cassiopeia e Minerva
3º	Rosa	Rowena	Samuel	Orion e Angélica
4º	Branco	Serápis Bey	Gabriel	Clair e Astréia
5º	Verde	Hilarion	Rafael	Vista e Cristal
6º	Rubi	Nada	Uriel	Tranqüílitás e Pacífica
7º	Violeta	Saint Germain	Ezequiel	Arcturos e Diana

Fonte: ROESSMANN 1990: 31.

A P.P.L. tem um conjunto de dias festivos com datas especiais propícias ao recebimento, por parte dos discípu-

los do mundo inteiro, de uma “energia adicional de bênçãos multiplicadas” (Josef , nome fictício de um membro fundador da P.P.L. em Juiz de Fora, MG). Portanto, quanto mais preparado e concentrado estiver o grupo, maior será a bênção distribuída . Nos dias festivos, que são divulgados no calendário anual, são realizadas cerimônias invocando as “Sete Chamas Divinas” (os Sete Raios) que são representadas por sete velas coloridas correspondentes às cores do arco-íris.

Os principais dias festivos da P.P.L. são:

- Festa da lua cheia de WESSAK realizada no plenilúnio de maio. Essa festa é realizada no momento máximo da lua cheia de maio, pois é neste momento em que Buda (Gautama) “aparece no Nepal e derrama uma grande chuva de bênçãos à humanidade receptiva”.
- Festa de ASSALA na lua cheia de julho. Nela se comemora a “Iluminação do Senhor Gautama, o Buda”. Gautama representa hoje, para a P.P.L., na Hierarquia Espiritual, o Senhor do mundo; ele é a “cabeça da Hierarquia espiritual do nosso planeta”.
- A Páscoa Cristã também está entre os principais dias festivos. É uma festa realizada na lua cheia, na qual é derramada a “bênção da chama da Ressurreição, que é uma chama cósmica, divina”.
- Festa da reunião do “Conselho Cármico”⁶, que é realizada no dia 31 de dezembro, na qual todos os Mestres se reúnem para “determinar as diretrizes para o ano vindouro” conforme as necessidades dos discípulos e de toda a humanidade. É nesse dia que os Mestres determinam o calendário anual, e quais os templos que estarão abertos em cada mês

(TEMPLOS que se localizam nos mundos sutis⁷). Nesse dia, todos os discípulos de todas as partes do mundo fazem as suas petições para o próximo ano.

- Ainda dentro dos dias festivos do ano, existem as “colheitas”: a Colheita dos Anjos em Shamballa, em 30/09; a Colheita dos Seres Elementais e da Natureza, em 31/10 e a Colheita da Humanidade, em 31/11. São dias especiais em que os discípulos recebem de volta e multiplicadas as vibrações dos bons pensamentos e sentimentos emitidos durante os serviços (cerimoniais) prestados durante todo o ano (energia acumulativa) sob forma de trabalhos, de apelos, de visualizações positivas etc..

Nesses “serviços” ritualísticos, as velas são um componente imprescindível. Elas simbolizam o elemento fogo, que é o elemento de mais alta vibração, significando o poder criador da mente do homem. Quando as velas são acesas e as chamas são consagradas, significa que se está oferecendo a “energia crística de nossos corações a serviço dos Mestres, Arcanjos e Elohins da Fraternidade Branca”. As velas são importantes porque elas proporcionam uma maior concentração de energia.

O Cerimonial

A não ser nos dias festivos, o cerimonial é feito uma vez por semana, com duração em torno de uma hora. Para o cerimonial, é sempre utilizado um livro chamado “**O Serviço**”⁸, que contém os “apelos e visualizações”⁹ de que consta o cerimonial.

A estrutura do ritual envolve os “Sete Raios”, embora cada ritual tenha tônica diferenciada de acordo com o Raio

e o Mestre Ascensionado do mês. A cada cerimonia o oficiante faz um roteiro antecipado, selecionando alguns “apelos e visualizações” de acordo com a tônica e a atividade necessária escolhida pelo grupo ou pelo oficiante, quais sejam: curas, iluminação, purificação, para os governantes, jovens, etc.

Para aumentar a “eficácia” do cerimonia, intercalam-se os apelos com visualizações curtas, fazendo algumas pausas durante os apelos para reflexões interiorizadas. Os apelos são feitos com entonação suave, natural, serena e sempre acompanhados com músicas clássicas.

A estrutura do cerimonia é composta das seguintes etapas, apresentadas a seguir, sabendo-se, contudo, que ela suporta uma maleabilidade definida pela tônica, pela necessidade do momento e pela inspiração do oficiante:

- 1) Início: o oficiante convida as pessoas a se colocarem na sala onde há um pequeno altar contendo as velas, um cálice e, normalmente, a estampa do Mestre que será invocada no cerimonia.
- 2) Invocação: após um pequeno momento de reflexão, o oficiante faz, em tom solene, a invocação dos Mestres Ascensionados e dos Seres Cósmicos.
- 3) Proteção: nesta terceira etapa (sempre acompanhada com uma música clássica), buscase, através da concentração, a visualização de uma cúpula de proteção que atinge a todos os presentes no cerimonia e a todas as pessoas do Universo.
- 4) Consagração das Velas: neste momento, o oficiante se coloca em frente ao altar para acender as seis velas, dispostas três de cada lado do cálice. No momento em que estão sendo acesas as velas, o oficiante recita oração.

- 5) Apelos e visualizações: logo após terem sido acesas as velas, passa-se a esta etapa do cerimonial na qual são expressos vários “apelos” e feitas muitas “visualizações”. Exemplos de apelos e visualizações que são recitados nesta etapa:

Pedido de perdão, pureza, ascensão: visualização da Chama Violeta: para a P.P.L, a Chama Violeta é uma corrente de energia capacitada e adequada para captar e dissolver energias imperfeitas, possibilitando que elas sejam novamente carregadas com a perfeição. A Chama Violeta “é uma contínua força operante de amor, misericórdia e compaixão que afasta causas criadas pelos humanos, cuja expansão traria piores desgraças.” 6) Elevação do Cálice: este é o momento mais solene do cerimonial. O oficiante e as demais pessoas se colocam de pé e fazem o ritual de “consagração do Cálice ao Divino Maha Chohan” (Espírito Santo). O oficiante permanece com o cálice erguido por alguns momentos enquanto todos os assistentes se concentram com as mãos erguidas em forma de cálice para receber a bênção.

Após a bênção, há algumas orações ou cânticos e conclui-se com uma bênção. Normalmente, após o Cerimonial, faz-se um pequeno estudo sobre o mestre a quem se dedicou o ritual.

Passagens e Comunicações entre experiências individuais por sentido e sistemas totalizantes de significados

O que se pretende fazer em seguida é demonstrar as passagens e comunicações das buscas individuais por sentido para os sistemas de produção de sentido.

É interessante observar que a cultura ocidental moderna, caracterizada pela burocratização, pela impessoalidade e pela pluralidade informacional, contribui

para o descontentamento e a fragmentação da identidade pessoal, mas é também ela própria que acentua ainda mais as demandas individuais por experiências totalizantes e afetivamente recompensadoras. Nesse sentido, Moreira e Zicmam apontam

“Um dado novo nesta situação, (...) é que o indivíduo toma a si a tarefa de moldar a própria síntese, sua religião “particular”, com elementos vindos de diversos sistemas religiosos e teoricamente conflitantes” (Moreira, 1994: 11)

Essa tarefa individual, longe de ser apenas uma necessidade individual, exprime uma busca coletiva, ou seja, é uma ação estimulada pelo espaço coletivo. “Foi antes na escola da vida coletiva que o indivíduo aprendeu a idealizar. Foi ao assimilar os ideais elaborados pela sociedade que ele se tornou capaz de conceber o ideal” (Durkheim, 1996: 467). A idealização, ou a *busca do sentido* não é, portanto, “uma espécie de luxo que o homem poderia dispensar, mas uma condição de sua existência.”(idem).

Portanto, proponho que, no nível das representações, a P.P.L. se articula a partir de múltiplas bricolagens provenientes das “errâncias” por sentido, assim como articula as buscas individuais em torno dele. Nesse sentido, é possível vislumbrar aqui a perspectiva da passagem -“vis-a-vis” - do macro para o micro. Pois não existe “peregrinação” sem “pousada” e, nem “pousada” sem “peregrinação”.

A experiência individual em torno do sentido

Para ilustrar a idéia das demandas individuais por experiências totalizantes e afetivamente recompensadoras, e a de que o “indivíduo toma para si a tarefa de moldar a própria síntese, sua religião “particular”, trago aqui um depoimento de um membro da P.P.L. e participante do grupo de cura (Josefa , nome fictício de um membro da P.P.L.).

A minha vida, depois que eu entrei neste grupo, ela melhorou muito mesmo. Eu estou me sentindo mais consciente. Antes, eu me sentia como se eu estivesse vegetando. Este grupo, fez com que eu me conscientizasse de muitas coisas e melhorasse a minha vida familiar, social e, em todos os momentos, ela veio interferir pra melhor pra mim.

Em relação à minha crença religiosa, eu fui católica, fui espírita, fui seicho-No-lê e, atualmente, sou Ponte para a Liberdade. E, realmente me integrei muito bem aqui, foi onde eu consegui elevar a minha consciência. Então acho que estou muito bem, e pretendo permanecer aqui até que outro movimento eleve mais a minha consciência, então eu estarei lá. Eu estou no processo de busca constante. Quando você está neste processo de busca constante, você não pode parar, você está sempre procurando mais e mais.

Esse depoimento demonstra que as categorias de pensamento humano não são fixadas de uma forma definitiva; elas são feitas, desfeitas e refeitas permanentemente, de acordo com lugares, épocas e culturas. Ele contribui, também, para a compreensão de que não há um sistema religioso capaz de esgotar a riqueza da experiência do sagrado. Brandão nos lembra:

Vivemos numa quadra histórica onde as pessoas, podem fazer seus próprios recortes e montar seu próprio sistema produtor de sentido e de explicação do real. O eixo se deslocou da instituição Igreja, como produtora de esquemas e parâmetros, para o fiel, para o sujeito da experiência religiosa. Este é agora um transeunte, um andarilho entre a diversidade de domínios simbólicos, que transita por diferentes códigos e instâncias produtoras de sentido e cria um sistema próprio. Ele afirma com isso um direito de opção religiosa. (In Moreira & Zicman (Orgs.), 1994: 14)

Na final de sua fala, *Josefa* deixa bem evidente a idéia da *busca* a partir da fidelidade à sua própria pessoa, e não mais a uma religião exclusiva na qual o fiel tinha que seguir o caminho da salvação através de um modelo que lhe é externo, estranho e “sempre outro”. Agora o sujeito é o parâmetro e modelo de si próprio. O que se *busca* é

“conhecer-se até onde for possível, dissolver-se na ordem mística de um cosmos vivo, mas à condição de fazê-lo trabalhando a plenitude de sua própria pessoa, do corpo às possíveis e várias dimensões espirituais de si mesmo. Realizar-se, sendo cada vez mais a expressão mais pura de sua própria plenitude. Para que isto seja possível, o direito de realização individual do sujeito pressupõe o trânsito entre sistemas oficiais e alternativos, religiosos, eclesiais, de pequena confraria confessante ou absolutamente solitários”. (in Moreira & Zicman(orgs.), 1994: 31)

Pode-se dizer que essa *busca* se identifica, bem cristalinamente, com o perfil dos que se localizam e se consideram portadores da Nova Era. Evidencia-se que a questão da crença, da opção de sentido e do trabalho pessoal de purificação, assim como as estratégias de apropriação individual dos poderes simbólicos da “força da fé”, são buscados e vividos subjetivamente “como um direito individual de escolha, construção, envolvimento e trânsito”(idem: 35).

Dizendo de outra forma, “a consciência sempre é intencional” (Berger & Luckmann, 1991: 37). Não há como negar que a vida cotidiana é alimentada pelos motivos pragmáticos. Aliás, grande parte do conhecimento relacionado ao cotidiano revela-se nesta característica: adequação prática de seu conteúdo. Logo, só é possível ampliar e/ou superar este tipo de conhecimento se a proposta do novo for realmente convincente, ou seja, se for explicitado seu con-

teúdo prático. “Meu conhecimento da vida cotidiana estruturou-se em termos de conveniências”. (idem: 66).

Essas conveniências, que filtram as experiências que se quer ou não abraçar, entrecruzam-se com as conveniências de outros que transitam no mesmo espaço e tempo. A interação de conceitos acontece na medida da interação desses sujeitos. Aliás, o “conhecer é fundamentalmente um conhecer coletivo” (Mannheim, 1986: 58).

“Representar um objeto e, ao mesmo tempo, conferir-lhe o status de signo, é conhecê-lo tornando-o significante.”(Moscovici, 1978: 63) A vitalidade do conteúdo expressa-se, portanto, à medida de sua interiorização e sua exteriorização a partir de um processo de elaboração individual e coletiva. Logo, a opção por esta ou aquela forma religiosa carrega sempre um significado individual e coletivo.

Além da fala da *Josefa*, gostaria de destacar um outro depoimento (também de um membro da P.P.L.) que, mantendo o mesmo estilo do anterior, vem corroborar a idéia da busca individual por um sistema de sentido.

“Bom, eu sinceramente, desde criança, toda a vida sempre fui fascinada por coisas assim diferentes. Por exemplo: se você passasse um telegrama para mim no meu aniversário dizendo: “feliz aniversário”, e outra pessoa mandasse dizendo: “receba as flores do meu coração”, o seu para mim era um lixo e o da outra pessoa eu já achava interessante. Eu sempre adorei palavras difíceis, queria saber o que é isso o que é aquilo. Então o sentido Kardecista ... eu fiquei muitos anos lá ..., inegavelmente eu aprendi muito. Mas, chegou um ponto que estava não mais me satisfazendo. Eu já queria coisas mais assim interessantes. Então, conversando com um outro sobrinho meu, que é muito novo, agora ele deve estar com trinta e dois anos, eu admirava muito a cabeça dele. Eu perguntava, mas como é que você chegou aí?”

Ele me dizia, mas a senhora está na hora , o que a senhora está esperando? Vai ficar neste caminho toda a vida? Vou levar a Senhora na Rosa Cruz para ter uma idéia. Aí gostei muito, eu adorei. Mas não fiquei muito lá não. Aí vim pra aqui. (Ponte) Porque eu comecei a ver livros diferentes, eu vi de tudo aqui. Aqui tem todas as religiões, tem de tudo aqui. Aí me chamou atenção. E comecei a participando nas meditações, comecei a gostar! Comecei a ver algo diferente no que eu via antes, comecei a participar de algumas palestras aqui na Ponte e comecei a gostar mais ainda. Até que fui convidada a participar do curso de Teosofia. E eu fiquei mais encantada ainda! Acho que daqui não saio mais não. Eu acho que os estudos realizados neste grupo (grupo de Cura) fixam muito bem em mim. Então, quando eu quero fazer uma coisa errada, começa a pesar na minha consciência. E outra coisa que eu vou falar muito importante, isso daí é o mais importante de tudo: começou a pesar demais em mim os meus erros, estou pagando muito caro, mas caro mesmo. Agora é que estou tendo alívio, depois de dois meses, mas dois meses de uma cadeia infernal dentro de mim. Procurando o porque, e não achava. Até que agora, graças a Deus, está tudo chegando nos devidos lugares. Então a Ponte e este grupo de cura me ajudam muito para resolver os problemas que eu enfrento em minha vida.” (Aparecida¹⁰).

Ambos os depoimentos, especialmente através das expressões “atualmente” e “acho”, confirmam a existência de

“um tipo de errância individual que contribui para uma religiosidade porosa, aberta para os vários campos espirituais disponíveis. Estes campos podem ser experimentados e contestados - sincrônica e diacronicamente na trajetória individual do peregrino - sem serem, contudo negados ou desrespeitados” (Amaral et alii, 1994: 34)

Tanto no que se refere ao tempo quanto ao espaço, o que se percebe é a nítida influência desses sobre a apropriação interior pelo indivíduo de sua trajetória de vida - “erros” e “acertos”, ou seja, “a realidade da vida cotidiana parece já objetivada, isto é, constituída por uma ordem de objetos que foram designados como objetos antes de minha entrada em cena.” (Berger & Luckmann, 1991: 38) Daí, o “preço alto” que se paga quando se pretende mudar de rumo e criticar tal ou qual ordem, ou mesmo contestar o nível de influência e/ou coerção. Para isso, é preciso um arcabouço nada frágil, composto pelo interesse subjetivo e o conhecimento objetivo.

A instabilidade e/ou inquietude frente aos desafios colocados pelo desejo de ter “alívio” pode ser compreendida como uma “defasagem constitutiva” entre a informação efetivamente presente e aquela que seria necessária para dominar todos os elementos de que depende a seqüência de raciocínio. A precariedade do conhecimento se dá também pelo “caráter indireto dos saberes, dos testemunhos” utilizados e/ou apropriados pelas pessoas quando de suas próprias formulações, cuja veracidade desconhecida imputa insegurança e superficialidade ao conteúdo expresso.

Com isso, não se nega o caráter individual do sujeito que focaliza esta ou aquela situação, condicionando a própria opção anterior de escolha. Moscovici (1978) alerta para a presença de uma “pressão para inferência”, cujo poder atropela a trajetória das “operações intelectuais”. Muitas vezes, o aceleração da passagem da “constatação para a inferência” compromete a qualidade das respostas, induzindo as pessoas a tomarem atitudes emprestadas - elaboradas por outros sem significado próprio.

Essa fragilidade no interior dos pensamentos e práticas sociais aponta uma indagação. Como pode se atingir uma nova forma de pensamento ou prática social e/ou religiosa quando ainda se está preso à anterior? Mannheim diz que a mudança decisiva ocorre quando se atinge um está-

gio de desenvolvimento histórico em que as formas de pensamento e de experiência, que até então se desenvolviam de forma isolada, “penetram numa mesma consciência compelindo a mente a descobrir a irreconciliabilidade das concepções conflitantes” (Mannheim (1986: 36), indicando a urgência de se buscar uma síntese, superando as fragmentações anteriores, tanto do pensamento quanto da ação.

Vygotsky, ao tratar das questões referentes ao desenvolvimento intelectual, relaciona-o com a “alteração radical na estrutura do comportamento”, uma vez que a evolução da mente ou das estruturas do pensamento interfere não somente nas respostas oferecidas, mas também no modo de elaborar tais respostas (Vygotsky 1991: 83).

No depoimento anterior, observa-se também a pertinência da afirmativa de Durkheim:

Não há religião que não seja uma cosmologia e uma especulação sobre o divino. Se a filosofia e as ciências nasceram da religião, é que a própria religião começou por fazer às vezes de ciências e de filosofia. Mas o que foi menos notado é que ela não se limitou a enriquecer com um certo número de idéias um espírito humano previamente formado; também contribuiu para formar esse espírito (Durkheim, 1996: XV)

Nota-se, no depoimento citado anteriormente, que a adaptação à forma atual de religiosidade escolhida está ligada às mais diversas exigências: desde a “resolução de problemas” da vida diária, até ao aprendizado de uma nova “ciência” - teosofia.

Um terceiro depoimento nos leva a identificar dois pontos fundamentais no que se refere à experiência religiosa observada: *transformação* e *indivíduo*. A idéia de transformação individual consiste numa condição imprescindível para o advento de uma nova humanidade, o que caracteriza um dos anseios da Nova Era. Encontramos essa idéia, de for-

ma muito explícita, na fala de um dos fundadores da P.P.L. em Juiz de Fora. Segundo ele,

a Ponte foi justamente trazida na década de 50 pelos Mestres para as pessoas aprenderem a, realmente, solucionar os problemas, realmente como eles são. Não apenas as aparências, resolver o lado exterior, mas o lado interior tem que mudar primeiro. Enquanto o ser humano não mudar interiormente, os problemas vão continuar existindo. Então, nesse caso, a caridade mental é muito mais importante do que a caridade física. Por que, você dar uma coisa física, uma esmola, uma coisa assim para as pessoas... os problemas continuam existindo. Enquanto não houver uma mudança de consciência, uma mudança interior, o mundo vai continuar a mesma coisa, as pessoas vão cometer os mesmos erros, as mesmas falhas de caráter e os problemas vão continuar. Então deve haver, principalmente uma mudança interna: uma melhoria de caráter, uma purificação das energias negativas, tanto materiais, como espirituais, como emocionais, controle da mente, do pensamento, das emoções. (Josef)

Vale destacar a relação intrínseca entre “mudança interior” e “mudança do mundo”. Nas palavras de Durkheim:

“Compreende-se, assim, de que maneira a razão tem o poder de ultrapassar o alcance dos conhecimentos empíricos. Não deve isso a uma virtude misteriosa qualquer, mas simplesmente ao fato de que, segundo uma fórmula conhecida, o homem é duplo. Há dois seres nele: um ser individual, que tem sua base no organismo e cujo círculo de ação se acha, por isso mesmo, estreitamente limitado, e um ser social, que representa em nós a mais elevada realidade, na ordem intelectual e moral, que podemos conhecer pela observação, quero dizer, a sociedade.” (Durkheim, 1996: XXIII)

A elevação, pois, do indivíduo, está na sua correlação com outros indivíduos, com outros grupos, com a sociedade. Cabe, aqui, destacar algumas considerações a partir de uma pesquisa feita junto a moradores da periferia urbana de Imperatriz/MA. Ao abordar a relação entre associação de moradores e outras instâncias da sociedade civil, Calderano (1988) chama a atenção para o caráter contraditório do espaço religioso.

De um lado, ele inibe o crescimento de concepções críticas no seu interior, por outro, oferece condições para o surgimento e fortalecimento dessas críticas, constituindo-se, por vezes, um local que abre perspectivas de transformação, onde “se difunde uma nova forma de ser e de pensar a partir da luta pela ‘libertação total do homem’”.

Por lidar com conteúdos de “fé” e “libertação”, a religiosidade ocupa um forte espaço na vida daqueles sujeitos, ou grupos que querem auto-emancipar-se, atingir um outro estado de vida. E a forma religiosa escolhida é a que mais lhe convém, pois esses sujeitos são também sujeitos ativos da própria religiosidade. (Calderano, 1988: 244)

Os depoimentos, anteriormente apresentados, sugerem-nos a idéia de que, hoje, algumas pessoas, fruto do livre trânsito entre os diversos campos de crenças, estão fazendo, a partir delas mesmas, “a livre experimentação em torno do sentido” (Amaral et alii, 1994: 35). Com isso, elas estão construindo respostas às suas necessidades psicológicas e sociais. Porém, sempre em busca de um “pouso” onde possam intercomunicar, fruir e receber experiências significativas.

Sistema totalizante de significado

Desenvolvendo a afirmação, decorrente deste estudo, de que a P.P.L., enquanto um movimento da Nova Era, é um sistema religioso que produz *respostas globais de sentido* frente à crise da modernidade, trago ao destaque a afirma-

ção de Houtart (1994): “todo sistema religioso requer um certo espaço social”. Ele define o espaço social a partir de três elementos:

“O primeiro é a possibilidade de existir como instituição em uma determinada sociedade. O espaço pode ser amplo ou reduzido, mas, pelo menos, deve existir a possibilidade de um certo lugar no conjunto das instituições e organizações produtoras de sentido. Um segundo aspecto é a possibilidade de produzir um sentido que ultrapasse as fronteiras da salvação individual. Isto é, a possibilidade de tocar também aspectos coletivos da vida humana. Trata-se de um prolongamento ético das atitudes religiosas, ou de produzir um sentido que não apenas diga respeito ao problema da salvação individual, mas também à maneira pela qual os homens vivem em sociedade. O terceiro elemento é a possibilidade de atuar sobre a organização coletiva da sociedade civil, ou seja, a possibilidade de organizar obras sociais, obras caritativas, etc”. (Houtart, 1994: 116).

Esses três elementos, pois, podem ser encontrados na P.P.L., uma vez que ela congrega atividades que procuram dar conta de tais exigências: a) promove cursos para todas as pessoas interessadas e não só para seus membros, visando a ampliar, portanto, seu espaço; b) busca conexões do indivíduo e grupo através tanto de atividades grupais de curas, quanto pela “missão” individual de encontrar e, “convocar” outros seguidores do “decreto dos Mes-tres”; c) sugere representações, atividades que, a partir do reconhecimento da miséria humana, buscam redimensioná-la, trazendo-lhe *alívio* através da “oração” e “meditação”.

Se há os que procuram, através da religião, refugiar-se de seus problemas, isso não é o que acontece com grande parte dos que buscam uma experiência religiosa. Ao contrário, o que nos revela ainda o depoimento anterior - “a

Ponte foi justamente trazida (...) para as pessoas aprenderem a realmente solucionarem seus problemas...” (Josef). Em outras palavras, os crentes, os homens que experimentam a vida religiosa

“sentem, com efeito, que a verdadeira função da religião não é nos fazer pensar, enriquecer nosso conhecimento, acrescentar às representações que devemos à ciência, representações de uma outra origem, de um outro caráter, mas sim nos fazer agir, no ajudar a viver. O fiel que se põe em contato com seu Deus não é apenas um homem que percebe verdades novas que o descrente ignora, é um homem que pode mais. Ele sente em si a força, seja para suportar as dificuldades da existência, seja para vencê-las. Está como que elevado acima das misérias humanas porque está elevado acima de sua condição de homem; acredita-se salvo do mal, seja qual for a forma, aliás, que conceba o mal. O primeiro artigo de toda a fé é a crença na salvação pela fé.” (Durkheim, 1996: 459).

E aí indaga-se: que alquimia é essa que faz transformar um frágil indivíduo em poderoso agente acima mesmo de seus próprios limites? Qual é o motor que provoca um novo modo de pensar e agir fazendo com que as pessoas que participam de uma experiência religiosa se sintam mais fortes? Seguramente, não pode ser algo menor que elas mesmas ou distante de sua vida interior. Durkheim aponta uma resposta:

“De fato, quem quer que tenha praticado realmente uma religião sabe bem que o culto é que suscita essas impressões de alegria, de paz interior, de serenidade, de entusiasmo, que são, para o fiel como a prova experimental de suas crenças. O culto não é simplesmente um sistema de signos pelos quais a fé se traduz exteriormente, é o conjunto dos meios pe-

los quais ela se cria e se recria periodicamente. Quer consista em manobras materiais ou em operações mentais, é sempre ele que é eficaz". (Durkheim, 1896: 460).

O espaço para este tipo de religiosidade, no mundo contemporâneo, está-se alargando cada vez mais. É, na verdade, um tipo de resposta religiosa alinhada com o pós-moderno. Isto é: é a cultura e o espírito de uma época que se refletem como num espelho sobre as mutações religiosas dos indivíduos e da sociedade. Pode-se dizer que a P.P.L. - enquanto Movimento da Nova Era - "apresenta simplesmente o espírito da nova cultura pós-moderna, cuja existência deverá ser levada em conta" (Terrin, 1996: 222), constituindo-se, portanto, como o resultado das múltiplas relações contidas no contexto sociocultural moderno em crise e que consegue propor respostas às necessidades, exigências, problemas existenciais e religiosos. Dessa forma, a existência da P.P.L. aponta para a idéia de que não se pode deixar vazio o espaço antes ocupado pelas "religiões tradicionais" produtoras de sentido, à sua forma e à sua época. Mais que isso, ao apontar a necessidade de preencher o espaço vazio, ela se apresenta como a portadora de respostas "satisfatórias" no "conjunto das organizações produtoras de sentido" no contexto moderno em crise. E o fortalecimento dessa nova produção de um sentido individual e coletivo para o conjunto da sociedade confirma que as instituições tradicionais estão perdendo o virtual monopólio da produção de significado que antes exerciam. Isso, seguramente, não é um simples resultado de desafios propostos pela P.P.L. e, por recorrência, pela Nova Era, mas é produto do complexo contexto cultural contemporâneo em crise, que se transforma num espaço fértil ao surgimento "de novas produções e novos produtores de sentido" (Houtart, 1994: 121).

Considerações finais

Poderíamos dizer que a proposta da P.P.L., enquanto nova produtora de sentido no contexto contemporâneo, reside na comunicação do seu caráter hibridizante - hiper-sincrético - do movimento, e de sua dinamicidade e fluidez de combinações e (re)significações, com a *idéia fundante* encampadora (holística), que possibilitará, segundo seus membros - visão nativa - uma nova era de harmonização e prosperidade para o planeta.

Julgo oportuno lembrar aqui, não a título de comparação, que não só a P.P.L. mas também o Espiritismo se movimentam em torno de uma idéia fundante e totalizadora e do porvir de uma “Nova Era”. Francisco Cândido Xavier descreve isso dizendo que:

“reuniu-se na noite de 31 de dezembro de 1799... nas esferas superiores, grande assembléia de Espíritos sábios e benevolentes para marcarem a entrada significativa do novo século... no deslumbrante espetáculo da espiritualidade superior, com refulgência de suas almas, achavam-se Sócrates, Platão, Aristóteles, Orígenes, Hopócrates, Agostinho Tomás de Aquino, Vicente de Paula, Joana D’Arc... Dentro do novo século, começaremos a preparação do terceiro milênio do cristianismo na terra. Novas concepções de liberdade surgirão para os homens, a ciência erguer-se-á a indefiníveis culminâncias, as nações cultas abandonarão para sempre o cativo e o tráfico de criaturas livres e a religião desatará os grilhões do pensamento que, encarceram as melhores aspirações da alma...”. (Xavier, 1966: 95-100).

Em síntese, pode-se dizer que a P.P.L. sugere uma “visão de mundo” que proporciona explicações amplas e profundas para o indivíduo e para o grupo, redimensionando assim sua ansiedade existencial. Desse modo, através de

uma cosmovisão totalizante, a P.P.L. pretende proporcionar um novo sentido de vida através da busca da perfeição do Eu, da defesa da harmonia, vivência da paz e prosperidade secular e espiritual.

A partir do trabalho que aqui se desenvolveu, pode-se dizer que:

- a realidade social, particularmente a experiência religiosa, está intimamente ligada à relação dos homens consigo mesmos, entre si e com as circunstâncias de suas existências, que por si, vão definindo uma maneira de ser, de pensar, de agir, que vai tomando corpo na sociedade, interferindo nos pressupostos gerais e conduta que a constituem;
- as pessoas, ou os grupos que partilham de uma determinada crença religiosa “novaerista”, o fazem não pela existência de projetos coletivos de atuação na sociedade, mas o que os une são pressuposições comuns, uma cosmovisão, ou crenças comuns segundo as quais a melhoria da sociedade virá a partir de transformações individuais;
- o significado produzido pelas diferentes interações entre pessoas ou grupos, através da produção e introjeção de pensamentos e práticas, da articulação entre desconforto e alívio, entre necessidades e satisfações é que faz da experiência religiosa algo gratificante e sedutor, pois confere aos que dela se beneficiam respostas - ainda que provisórias - à sua busca de sentido existencial.

A experiência religiosa - aqui analisada - sendo fundamento e fruto de ações individuais e coletivas, revela sua adequação ao mundo moderno, à medida que ela exprime o

caráter de uma Nova Era que não mais comporta ortodoxia, polaridades excludentes, mas, ao contrário, articula os mais diferentes anseios, as mais diferentes experiências e contribuições extraídas das mais diferentes religiões, permitindo às pessoas que dela fazem parte a sensação de liberdade plena. O comprometimento maior é, basicamente, consigo mesmas e a cumplicidade com o movimento do qual participam só se faz necessária e oportuna enquanto esse espaço lhes for conveniente, respondendo a seus anseios e necessidades. Isto é, há, ao mesmo tempo, o desejo de garantia de proteção a algo maior como sentido último para suas vidas. Mesmo que esse algo maior seja provisório. A P.P.L., no contexto de crise da modernidade, logra combinar, não no plano lógico formal, mas no de representação e do imaginário, essas duas tendências numa síntese (bricolagem), que é a própria expressão dos “sinais dos tempos”.

Para ilustrar a idéia da peregrinação ou errância individual em torno do sentido e de pouso em um sistema totalizante, retorno com a fala de uma participante da PPL:

em relação à minha crença religiosa, eu fui católica, fui espírita, fui seicho-No-lê e, atualmente, sou Ponte para a Liberdade. E, realmente me integrei muito bem aqui, foi onde eu consegui elevar a minha consciência. Então acho que estou muito bem, e pretendo permanecer aqui até que outro movimento eleve mais a minha consciência, então eu estarei lá. Eu estou no processo de busca constante. Quando você está neste processo de busca constante, você não pode parar, você está sempre procurando mais e mais. (Josefa).

A partir deste pequeno trabalho, arriscaria dizer que as religiões, para se manterem, precisam corresponder às necessidades vitais contidas na sociedade, construídas e internalizadas pelos indivíduos.

NOTAS

- ¹ No livro: *“A Nova Era um desafio para os cristãos”*, a antropóloga Leila Amaral (1994) diz que a Nova Era se constitui como “um fenômeno, sociologicamente identificado, heterogêneo e não se apresenta como um movimento organizado, porque inclui uma série de estilos de vida variados, comporta significados diferentes para pessoas diferentes, cuja chave espiritual está ancorada na crença de que Deus, ou a perfeição, encontra-se no interior de cada indivíduo e na busca da integração entre corpo, mente e espírito” (p. 13).
- ² Denominação dada à entidade em âmbito internacional. É na Alemanha, na cidade de Berlim, que está a sede principal da Ponte. É dela que são enviados os ensinamentos dos mestres para todas as outras sedes. A Ponte, sediada em Juiz de Fora segue, as orientações através da sede em Brasília.
- ³ O holismo, um dos principais princípios filosóficos que fundamentam a Nova Era, compreende a idéia de que “tudo está interligado cosmicamente”, de que “tudo é Um”. “O homem é visto como parte integrante da vida orgânica do todo” (...) “A realidade é vista como um todo integrado e vivo, o que permite articular num mesmo sentido todos os aspectos da vida humana” (Camurça, 1996: 9).
- ⁴ A Grande Fraternidade Branca compõe-se de Seres Ascencionados, que já viveram encarnados na terra, assim como vós. Eles, porém, conheciam as leis da vida e assim puderam trabalhar em planos mais elevados. Renunciaram a permanecer nas esferas da beleza e da perfeição, e tornaram-se prisioneiros do Amor para auxiliar a humanidade sofredora, sempre que os invoque, pois a lei Cósmica não lhes permite infringir o livre-arbítrio dos homens.” (Ponte Para a Liberdade, 1996:13).
- ⁵ Estes mestres ascencionados, ou seja, “aqueles que se libertaram das limitações de tempo e espaço já foram homens aqui na terra, passaram por todas as experiências humanas, superaram o mundo material e hoje vivem em esferas ou planos espirituais e continuam prestando um serviço de amor à humanidade. Eles querem que todo ser humano, assim como eles o fizeram consigam também galgar os degraus da vida e atingir a meta que é a ascensão aos reinos da Luz. Por isso são chamados de “irmãos maiores” ou “irmãos mais velhos” pela sabedoria que conquistaram através de seu amor incommensurável”. (Josef).
- ⁶ Segundo os Ensinamentos da P.P.L., o Conselho Cármico é formado por grandes Seres Divinos que tomam a resolução do destino de cada ser humano, de acordo com sua necessidade evolutiva e de acordo com seu Carma. São Seres de grande amor e justiça, repre-

sentantes da vontade Divina. São eles que determinam a cidade onde vamos nascer, quem serão nossos pais, quais as pessoas a que iremos nos associar, sempre com o sentido de aprendizado evolutivo e nunca como punição ou castigo. O sofrimento humano é criado pelo próprio ser humano pela lei de causa e efeito (a lei do carma) ou seja, tudo o que plantamos em sentimentos, pensamentos, palavras e ações gera um efeito igual em nós.

- 7 Situado no campo sutil é o lugar a partir do qual os Mestres Ascencionados comunicam-se com a Terra. São chamados também de “Centros de Luz”, porque irradiam Força Motriz espiritual como: cura, liberdade, amor, fé etc.
- 8 Este livro é o texto base onde se encontram todas as orações que são proferidas durante os cerimoniais. Ele cumpre, portanto, a função de livro cerimoniário.
- 9 Orações que conduzem o participante do cerimonial, através do pensamento, a visualizar o que é sugerido pelo texto narrado. Ex.: visualizar a “chama violeta” envolvendo o seu corpo, o grupo, a cidade, o país; visualizar o templo do mestre ascencionado.
- 10 Nome fictício de um membro da Ponte Para a Liberdade.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Leila; DANNEELS, Godfried; KUENZLEN, Gottfried. **Nova era**: um desafio para os cristãos. São Paulo: Paulinas, 1994, p. 142.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade**. Tradução Floriano de Souza Fernandes. 9. ed. Petrópolis : Vozes, 1991, p. 247.

BERGERON, Richard; BOUCHARD, Alain; PELLETIER, Pierre. **A Nova Era em Questão**. Tradução Sérgio José Schirato. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1994.

BOURDIEU, P. Vive la crise!: for heterodoxy in social science. **Theory and Society**, v. 17, n. 5, 1988/89, p. 773-787.

CALDERANO, Maria da Assunção. Ação **Político-Educativa numa Periferia Urbana**: um estudo sobre Associação de moradores - Imperatriz/MA. 1988. 293p. Dissertação

(Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

CAPRA, Fritjof. **O Ponto de Mutação**: a ciência, a sociedade e a cultura emergente. Trad. Álvaro Cabral. 10 ed. São Paulo : Cultrix, 1995.

DIEDERICHS, Silvina Rohde. (Coord.). **Haja Luz** - Ponte para a Liberdade. 12. ed. Porto Alegre: Petrópole, 1996, p. 233.

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. Trad. Paulo Neves. São Paulo : Martins Fontes, 1996, p. 609.

FREIHEIT, Die Brucke Zur. **O Serviço**. Trad. Hilda Goltz. Brasília, DF : Terra Una, 1994, p. 66.

HOUTART, François. **Sociologia da Religião**. Trad. Mustafa Yasbek. São Paulo: Ática, 1994, p.143.

KNORR-CETINA, K. Introduction: the micro-sociological challenge of macro-sociology: towards a reconstruction of social theory and methodology. In: KNORR-CETINA, K. et al. **Advances in Social Theory and Methodology**. Boston: Routledge and Kegan Paul, 1981, p. 1-47.

MANNHEIM, Karl. Abordagem preliminar do Problema. In: IDEOLOGIA e Utopia. Trad. Sérgio Magalhães Santeiro. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986, p. 29-80.

MOREIRA, Alberto; ZICMAN, Renée. (Orgs.) **Misticismo e Novas Religiões**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 176.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da Psicanálise**. Rio de Janeiro : Zahar, 1978.

ROESSMANN, Bernhard W. (Org.). **Manual dos Ensinamentos da Ponte**. Juiz de Fora: A Ponte-Núcleo Científico Espiritual, 1990. p. 85.

———. Saint Germain Juiz de Fora: A Ponte - Núcleo Científico Espiritual, [19--]. p. 43. (Série: Os Mestres da Humanidade). Mimeografado.

SOARES, Luiz Eduardo. **O Rigor da indisciplina**: ensaios de antropologia interpretativa. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994, p. 271.

TERRIN, Aldo Natale. **Nova era**: A religiosidade do pós-moderno. Trad. Euclides Balacin. São Paulo: Loyola, 1992, p. 223.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. Trad. José Cipolla Neto et al. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

XAVIER, Francisco Cândido. Kardec e Napoleão.

In: ———. **Cartas e Crônicas do irmão X**. Gb : FEB, 1966. p. 95-100.